



**Rudesindo Soutelo**  
Compositor e Mestre em Educação Artística

## Ignorância e estupidez

“A gente inteligente que eu conheço só tem um sonho: sê-lo menos”<sup>1</sup> declara o cineasta francês Claude Chabrol numa entrevista publicada nos *Cahiers du Cinéma*. Há uma crença que identifica a ignorância com a felicidade – o mito do “bom selvagem”, a bondade da pessoa simples, o ideal da intranscendência pós-moderna – mas que nada tem a ver com o “só sei que nada sei”, frase atribuída a Sócrates e que assume a ignorância como um motor da sabedoria. O filósofo grego era consciente de que o seu saber estava limitado pela sua ignorância e isso impulsionava-o na procura do conhecimento. Aqueles que desconhecem a dimensão da sua ignorância são precisamente os que ousam proclamar-se de sábios.

Platão mostra-nos, no mito de *A caverna*<sup>2</sup>, a percepção do mundo que o ignorante desenvolve quando se apoia unicamente no senso comum. Moradores permanentes no fundo da caverna, a única visão que têm do exterior são as sombras dos transeuntes que se projetam na parede última da gruta, e julgam que essas sombras são a realidade. Um deles consegue fugir dali e descobre que as sombras são produzidas por pessoas, semelhantes a ele, que transitam pelo caminho à frente da entrada da caverna. Esse descobrimento faz-lhe pensar no engano em que vivem os seus companheiros e regressa ao interior para libertá-los daquela ignorância mas eles tomam-no por louco, por inventor de mentiras, e acabam matando-o. Sócrates também foi condenado à morte por mostrar uma realidade diferente da que os atenienses, ilusoriamente, viviam. A realidade virtual, que hoje vivemos, não diverge muito da que se vivia na caverna de Platão.

Na citada entrevista, Claude Chabrol também diz que a “estupidez é infinitamente mais fascinante que a inteligência, infinitamente mais profunda”<sup>3</sup> e argumenta – desde a perspectiva do realizador cinematográfico que vê as pessoas como personagens a serem tratadas num filme – que a estupidez é muito enriquecedora pois, ao contrário da inteligência, não tem limites.

A ignorância ativa, aquela que se ignora a si

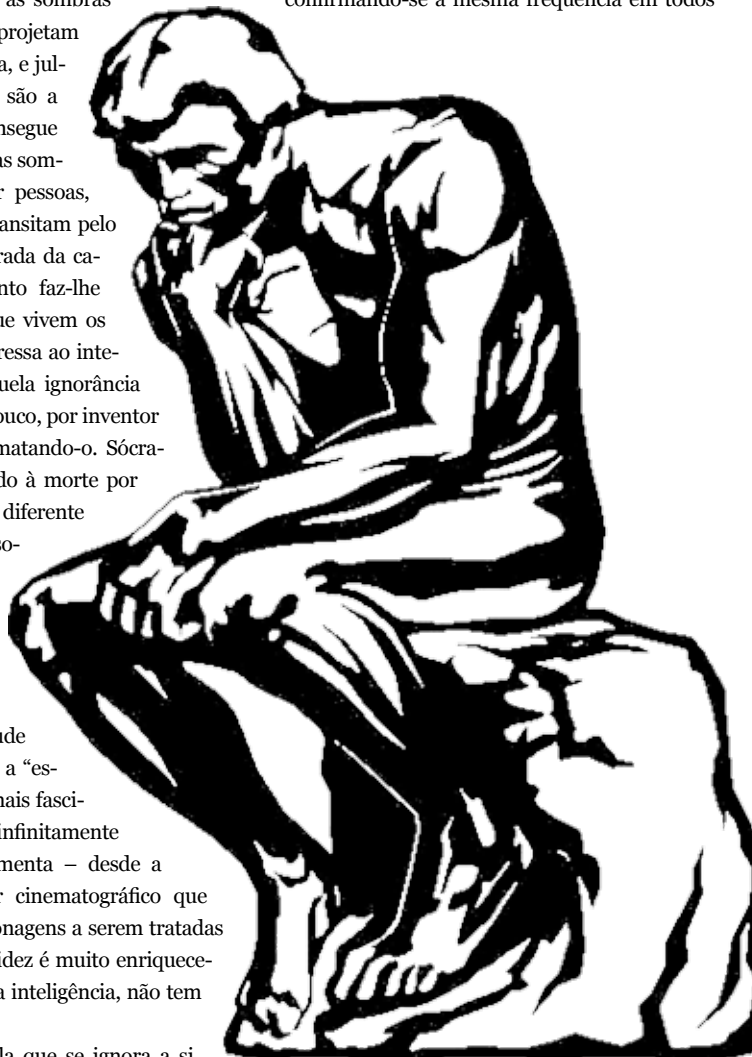
mesma, não procura a sabedoria e despreza o entendimento ou inteligência. O filósofo alemão Arthur Schopenhauer, na sua obra *O mundo como vontade e como representação*, diz-nos que “Carência de entendimento se chama estupidez”<sup>4</sup>. Mas não devemos confundir essa carência com o analfabetismo básico pois a iliteracia tem graus académicos, poder, dignidade e dinheiro. Ouçam as musiquetas ordinárias, que se utilizam em tantas celebrações universitárias. A cultura da estupidez é a indústria que nos mantém na caverna.

Carlo Maria Cipolla, historiador e filósofo italiano, num livro com título musical, *Allegro ma non troppo*, inclui um ensaio onde estabelece as cinco leis fundamentais da estupidez humana. As duas primeiras leis dizem respeito ao número de estúpidos em circulação, sempre superior ao estimado, e à distribuição, como uma constante independente de qualquer outra característica dos indivíduos, confirmando-se a mesma frequência em todos

os grupos de amostragem, inclusivamente nos Prémios Nobel<sup>5</sup>.

Partindo das quatro categorias fundamentais em que inclui o ser humano – ingénuos, inteligentes, bandidos e estúpidos – a terceira lei esclarece que: “Uma pessoa estúpida é aquela que causa um dano a outra pessoa ou a um grupo de pessoas, sem retirar qualquer vantagem para si, podendo até sofrer um prejuízo com isso”<sup>6</sup>. É compreensível o bandido que causa um dano para obter um ganho, mas a irracionalidade do estúpido é desconcertante. O estúpido é imprevisível e perseguir-nos-á sem razão nas circunstâncias mais impensáveis porque o estúpido não sabe que é estúpido, não tem malícia nem remorso, e aí reside a sua eficácia devastadora. Mas sempre desvalorizamos o potencial nocivo das pessoas estúpidas, como afirma a quarta lei, e, em vez de os combater, facilitamos o seu acesso às áreas do poder. Quando no governo proliferam os bandidos com uma alta percentagem de estupidez e, simultaneamente, aumenta o número de ingénuos entre os governados, a ruína é segura. “O estúpido é o tipo de pessoa mais perigosa que existe”, conclui a quinta lei.<sup>7</sup>

Theodor Adorno diz-nos que a indústria cultural “domina e controla, de fato e totalmente, a consciência e inconsciência daqueles aos quais se dirige”<sup>8</sup>. A cultura ‘industrial’, feita em série e com padrões de arte menor ou mesmo de lixo, projeta sombras de ignorância no fundo da caverna, onde a estupidez é a felicidade do ignorante.



### NOTA:

- 1 Collet, J., Delahaye, M., Fieschi, J.-A., Labarthe, A. S., & Tavernier, B. (2004). Entrevista con Claude Chabrol. In *La Nouvelle Vague* (M. Rubio, Trad., pp. 23 - 54). Barcelona: Paidós Ibérica, p. 43.
- 2 Platão. (2008). *A República* (11ª ed.). (M. H. Pereira, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 514<sup>a</sup>-518<sup>b</sup>.
- 3 Collet, J. et al., op. cit., p. 42.
- 4 Schopenhauer, A. (2005). *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: UNESP, p. 68.
- 5 Cipolla, C. M. (2008). *Allegro ma non troppo*. Lisboa: Texto & Grafia, pp. 59-63.
- 6 Cipolla, C. M., op. cit., pp. 69-70.
- 7 Cipolla, C. M., op. cit., pp. 84-85.
- 8 Adorno, T. W. (2010). *Indústria cultural e sociedade*. (J. M. Almeida, Ed.) São Paulo: Paz e Terra, p. 114.

### NOTA:

Este texto é escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico, respeitando o original do autor.